



Há pouco menos de 50 anos, um antigo Atlas da Editora Melhoramentos nas suas páginas iniciais, antes do registro dos mapas geográficos, trazia informações sobre o futuro. Os planetas do sistema solar eram apresentados junto a traquitanas espaciais que as bombas de von Braun, B1 e B2, teriam possibilitado, em que pese seu uso bélico. “Antecipações astronômicas a algumas alegorias planetárias”, esse era o título da página que estampava foguetes pousados em Marte e Mercúrio, dentre outras situações. Os foguetes e bombas tinham aquele desenho típico das histórias em quadrinho de então, corpo cilíndrico, um charuto, mais bojudo no centro e a ponta em forma de bico. Apresentado na vertical, a cauda, - três ou quatro rabos de peixe - suportava o engenho. As asas, quando não inexistentes, eram curtas, em geral duas, acopladas ao centro do corpo cilíndrico. De Flash Gordon à “Tin-Tin rumo à Lua” essa nave futurista parecia ser um denominador comum.

Nas últimas páginas, após as folhas destinadas aos estados brasileiros, o Plano Piloto de Brasília era apresentado. A semelhança entre o eixo monumental e o formato do corpo dos foguetes era fortemente induzida, ou melhor, um foguete era desenhado

sobre o Plano conformando o eixo monumental. Uma extremidade do eixo, a da antena de TV era afinada, coincidindo com o bico do foguete, na altura na rodoviária, no cruzamento dos eixos, havia uma representação plana de cauda e o seguimento da esplanada dos ministérios surgia como uma linha de gases que findava de forma triangular, coincidindo com a praça dos três poderes, como a indicar a propulsão à jato.

As asas do Plano não pertenciam ao foguete. Por alguma misteriosa forma de transferência de conhecimento, verdadeira ou não, tinha-se clareza que no foguete o que importava era a propulsão instalada na cauda e que vencida a atmosfera, asas seriam desnecessárias no vazio do cosmo, pois não havia ar a justificar a sustentação como os grandes planos das asas dos aviões possibilitavam. Mas, mesmo no foguete não tendo asas, no Plano Piloto de Brasília havia. Duas grandes asas, arqueadas no sentido contrário do que se podia prever propulsão no foguete. Apesar da natureza viária da estrutura urbana proposta – eixo rodoviário -, sua representação era de asas, como as dos aviões. Marca simbólica, a sustentar os grandes vôos imaginários.

**Figura:** Atlas Geográfico Melhoramentos 21 ed - P. Geraldo José Pauwels.

O futuro, embalado pelo progresso tecnológico, levaria à conquista do espaço e a espaços urbanos novos, renovadores do viver. Futuro, esperança e tecnologia, a ordem dos termos era intercambiável pela imaginação que se pensava livre.

Esperança era um termo elástico, junto a ela perfilavam-se várias realizações. Soberania nacional, industrialização, modernidade, superação do subdesenvolvimento e dos arcaísmos, etc. Progredir 50 anos em 5, sendo Brasília a síntese das transformações.

O futuro veio, chegou. Na verdade, de lá pra cá, vários futuros vieram, alguns foram embora e outros aportaram mais recentemente, sem que possamos discernir o conjunto de suas consequências. Todos distintos daquele que a tecnologia aeroespacial parecia guiar. Um mundo, cuja alegoria maior seria a da ausência de conflitos, solucionados pela técnica.

Mas nesse mundo atual, também se chegou a um país diferente daquele das esperanças nacionalistas

e desenvolvimentistas, que em muitas dimensões parece que progrediu ao reverso, 5 anos em 50, para não dizer dos retrocessos. Brasília, 50 anos depois de sua inauguração, também chega ao seu futuro. Um futuro cotidiano, aproximando-se da realidade urbana de todo o Brasil, em um movimento complexo, que guarda as suas características espaciais singulares, ao mesmo tempo em que as confronta com novos processos sócio-urbanos, distintos das promessas e das concepções sociais e de cidade das quais a capital era parte fundamental.

Este número de Risco, com os artigos, entrevistas e ensaios, presta uma pequena homenagem ao aniversário da cidade e aos seus formuladores, mas sobretudo, presta homenagem a investigação sobre a realidade que Brasília solicita, para que a imaginação, ao mesmo tempo seja livre e, sobretudo, fértil em dados, pesquisas e reflexão crítica, base para superação de ingênuas alegorias futuristas, espaciais e sociais.